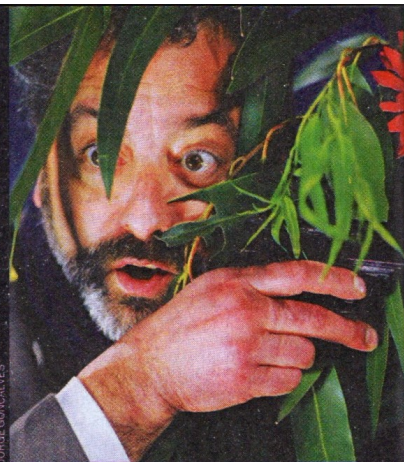


# Palco

palco@timeout.pt



'A Batalha de Não Sei Quê': a guerra e o que ela nos tira



JORGE GONÇALVES

## Duas peças, um encenador

Ricardo Neves-Neves não tem mãos a medir. É o autor, encenador e um dos intérpretes de *A Batalha de Não Sei Quê*, no Teatro da Politécnica, uma farsa absurda e *naïf* sobre a guerra; e encena, no Teatro da Trindade, uma nova versão ("mais uma reavistação do que uma reestrela") do engenhoso e desconcertante *Menos Emergências*, do britânico Martin Crimp, com um grupo de músicos e um coro de mais de 70 pessoas, e onde o *nonsense* também está presente. Mais negro e com vasos comunicantes mais definidos com as convulsões e os horrores do mundo contemporâneo.

"Este espectáculo lembra-me muito o meu primeiro texto enquanto estrutura", diz Ricardo

**Eurico de Barros** foi ver como é que Ricardo Neves-Neves, do Teatro do Eléctrico, conseguiu levar à cena dois espectáculos muito diferentes, um deles de sua autoria e outro com músicos e um coro em palco.

Neves-Neves sobre *A Batalha de Não Sei Quê*. "Eu tenho feito espectáculos a partir de uma raiz musical, do trabalho de coro, que aqui utilizamos muito pouco, e também do texto, em que uso muito a métrica, as lenga-lengas, e que também não usei desta vez. Recorri antes ao género de humor da minha primeira peça, *O Regresso de Natasha*: o não termos medo do ridículo e da superficialidade, de uma certa frivolidade de conteúdos. Não foi algo muito pensado, aconteceu, por causa do tema, a guerra e as batalhas. Já foi

feita muita coisa sobre isto, em todos os registos, do trágico à farsa. Eu preferi falar na perda das pequenas coisas, em vez da vida ou das sociedades. Perder uma guerra ou uma batalha, neste caso, significa perder o nosso campo de relvas verdes onde podemos dar passeios e fazer piqueniques, perder o tempo e o sítio dos pequenos namoros. É uma dimensão frívola e superficial, que se calhar talvez não o seja tanto."

Já *Menos Emergências* são três peças de Martin Crimp "que não se fizeram para estar ligadas, mas em que ele próprio encontrou ligação para que se fizessem em conjunto. Mesmo sabendo que não há uma ligação clara e concreta entre elas", diz o encenador, que não acha que este espectáculo seja a antítese

de *A Batalha de Não Sei Quê*. "É um texto diferente, mais sofisticado, mas usa na mesma o absurdo e em termos de estrutura, identifico-me com ele. E a questão do absurdo e da leveza com que se tratam temáticas mais densas é algo que me agrada muito."

Ricardo seleccionou ele mesmo as músicas dos separadores de *Menos Emergências*, "e a Rita Nunes teve o trabalho megalómano de fazer a adaptação para os músicos, que trabalham gratuitamente, tal como os membros do coro. Eu não sou muito de apontar o dedo nem de política, mas isto acaba por ser um espelho do sítio onde estamos: 'Somos muitos para trabalhar e estamos aqui para isso, independentemente de não haver *cachef*'. E triste haver tanta gente talentosa sem trabalho", remata.

### **A Batalha de Não Sei Quê**

De Ricardo Neves-Neves. Teatro da Politécnica. Até dia 11 de Junho. Bilhetes 8 € a 10 €  
**Menos Emergências** De Martin Crimp. Teatro da Trindade. Até dia 31. Bilhetes 10 € a 12 €.



'Menos Emergências': absurdo social e negro com músicos e coro